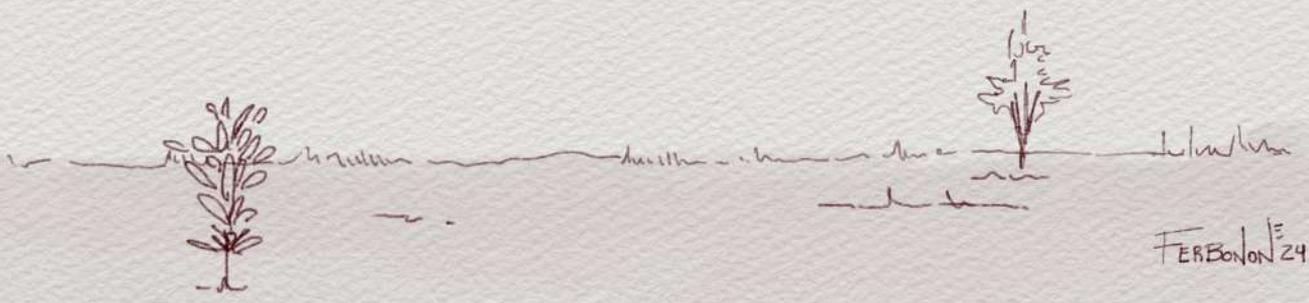
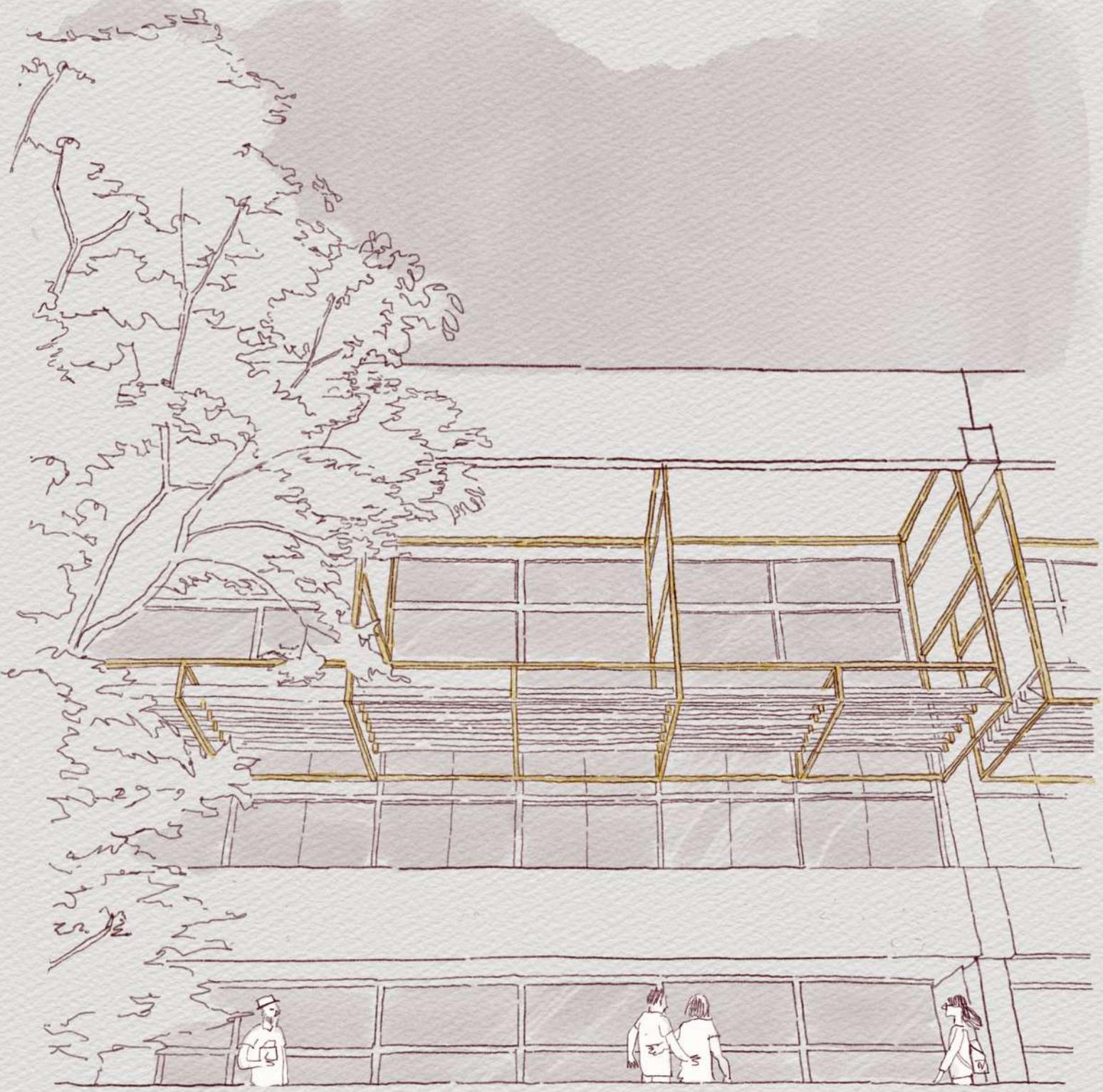


**ENSAIOS TEXTUAIS**

---



# CIDADE-FANTASMA, MELANCOLIA E CAPITALISMO DE FIM-DE-SÉCULO EM “SAN ROBERTO DE TROYA”, DE ROBERTO BOLAÑO

Autor: Gabriel Morais Medeiros  
Doutorando em Teoria e História  
Literária pela Universidade  
Estadual de Campinas

gabriel\_m\_medeiros@hotmail.com

Orientadora: Miriam Viviane Gárate

## RESUMO:

68 Neste breve ensaio comento algumas alegorias das novas urbanizações apontadas por Roberto Bolaño em “San Roberto de Troya”, livro de poemas de *La Universidad Desconocida*. Trata-se de cenários que assumem as feições de não-lugares, e projetam-se na impressão do sujeito poético – um imigrante – como condutores de melancolia. A cidade no final do século XX, nas décadas de crise do capital – a expressão é de Hobsbawm – também se reconfigura em suas centralidades, relações e tradição. “San Roberto de Troya”, nessa direção, enfoca-a sob a perspectiva do turismo e da fantasmagoria. Nestas novas tipificações do espaço urbano, a sensação de solidão engendra não a vontade de ação e o senso de coletividade, mas a ruminação isolada de uma hecatombe, de “um fim de mundo particular” (palavras de Bolaño), o qual poderia, ilusoriamente, pôr fim à ordem vigente. São estes visionamentos melancólicos da urbanidade presentes na poesia do autor chileno que desejo, à sequência, enfatizar.

### Palavras-chave:

cidade;  
não-lugares;  
fantasmagoria;  
Roberto Bolaño;  
*La Universidad Desconocida*.

*Juguemos a la gallina ciega  
Cuando en casa sólo estemos nosotros dos  
Y el jorobadito nos contemple desde la calle*  
Roberto Bolaño

## INTRODUÇÃO

As artes literárias podem ser registros valiosos para que pensemos a organização do espaço urbano – e suas projeções signícas – de um modo muito especial. Afinal foi através da análise da cidade na obra de um poeta que um dos mais importantes artefatos culturais do século XX foi produzido: trata-se do texto “A Paris do Segundo Império na obra de Baudelaire”, de Walter Benjamin (2015), escrito nos anos 1930.

Nessa obra, o filósofo propôs-se a realizar uma crítica materialista das transformações por que passava o espaço citadino, profundamente alterado pelas novas tecnologias e pela organização das relações de produção vigentes no centro do capitalismo, no século XIX. Já no famoso segundo exposé do livro das Passagens (2009), Benjamin volta à temática das transformações urbanas parisienses, sobretudo a partir do visionamento crítico dos embelezamentos estratégicos do prefeito Haussmann, para exemplificar seus conceitos sobre como as fantasmagorias as imagens coletivas oníricas, sensacionais ou utópicas da sociedade produtora de mercadorias – cristalizavam-se na mentalidade das massas. Sabidamente, a haussmannização influenciou profundamente as políticas públicas de urbanidade – grande parte delas levadas a cabo de maneira traumática e violenta – no continente americano. De Buenos Aires à Cidade do México, do Rio de Janeiro do prefeito Pereira Passos à Broadway, as novas urbanizações em curso determinaram a forma de se relacionar com a cidade – dessa maneira engatilhando, portanto, muito da cultura das massas – no decorrer das décadas.

Mais de um século depois de Baudelaire, é possível, seguindo livremente a metodologia de Benjamin, tentarmos rastrear novas disposições – simbólicas e estruturais – do espaço urbano à contraluz de uma obra poética. Abaixo, buscaremos analisar algumas declinações típicas da cidade neoliberal – cuja tipologia toma corpo nas últimas três décadas do século XX – a partir dos escritos de um poeta que foi um dos primeiros a detectá-las. Oportunamente, Roberto Bolaño (1953-2003) é o escritor que escolhemos para este texto. Nascido no Chile, o jovem Bolaño exilou-se na Cidade do México em janeiro de 1974, quatro meses após o golpe civil-militar que deu origem a uma das mais sangrentas ditaduras da história da América do Sul, em seu país natal.

Alguns anos depois, em janeiro de 1977, o chileno muda-se para a Catalunha, mais próximo de sua mãe, que emigrara à Espanha anteriormente. Assim, Barcelona passa a encorpar-se em sua poesia, e toma progressivamente o lugar do “DF” – o Distrito Federal mexicano, cenário que anteriormente ambientara, centralmente, sua produção poética.

É no livro de poemas *La Universidad Desconocida*, publicado postumamente em 2007, e escrito entre fins dos anos setenta e meados dos anos noventa, que podemos colher proficuamente alguns instantâneos para que pensemos o espaço urbano e os rumos da cidades no século XX, a partir da produção de um escritor imigrante alocado em contexto de capitalismo avançado, em plena era farmacopornográfica, para lembrarmos do conceito de Preciado (2020). Vejamos a seguir que tipologias da urbanização são essas.

## NOVAS URBANIZAÇÕES

A cidade-tipo das décadas de crise começa a aparecer de maneira mais nítida em livros como “San Roberto de Troya”, parte da obra poética *La Universidad Desconocida*, e faz-se carne nas ruas de Barcelona. “Ciudades supermercados fronteras” [UD, 125]<sup>1</sup>: por este verso de um poema sem título caracterizam-se as povoações do fim do século XX em função de dois referentes principais, o do consumo e o da intempérie.

Consumo e circulação de mercadorias. Nesta seção do testamento poético, surgem nos textos de Bolaño referências significativas ao supermercado como coração urbano, é possível dizer: ou seja, como o principal denominador da (não) sociabilidade cidadina, a partir da década de oitenta. E não apenas os supermercados vêm à luz: a reboque, surgem na literatura também as delineações das infraestruturas que acompanham tais construções, e as tornam possíveis. As autopistas, os canteiros de obra, os blocos de apartamentos e parquinhos periféricos, os baldios, os pontos de descanso para caminhões de carga, ganhando corpo ao passo que rareiam os trens. Todo esse cenário se materializa em Roberto Bolaño, nos primeiros poemas escritos após ter abandonado o DF. Trata-se de registros iniciais, na poética do jovem autor, de novos espaços civilizacionais. Ambiências impessoais, técnicas, que rapidamente conquistam o mundo inteiro, e triunfam sobre cada tessitura social e urbanística, determinando ou adulterando marcadamente as relações possíveis entre as pessoas. Espaços estes materiais e simbólicos padronizados, designados para o fluxo de máquinas, objetos, informações, e desconectados de territórios culturais, identidades ou de quaisquer essencialidades. Espaços-encarnações do capital avançado aos quais posteriormente Augé, nos anos noventa, chamará de não-lugares, epítomes da supermodernidade. Não à toa, o hipermercado é sua alegoria.

A famosa fotografia *99 Cent* (1999)<sup>2</sup>, de Andreas Gursky, é uma das formulações mais marcantes dessa carga alegórica. Na imagem, o interior de um hipermercado – que toma todo o enquadramento – é um mundo total, universo de varejo e depósito de mercadorias, para se evocar uma expressão de Chul-Han. E será, igualmente, um mundo com tempo próprio, cíclico e repetitivo, pois título e datação se tocam, nesse jogo. Como jogam e convergem, reiterando-se, os reflexos das prateleiras e gôndolas no teto polido (o chão não se vê) e impregnado de luz branca. E as repetições dos Algarismos, mais notáveis do que os consumidores, a se exponenciam quase em abismo. Não há rostos divisíveis neste espaço, o que ressalta uma sensação de alheamento, de anonimato a-comunitário. Há no máximo uma silhueta, o perfil de um comprador. Relendo o mais famoso quadro de Manet, essa fotografia é bem mais solitária. Na tela do pintor francês, os olhos melancólicos e cansados da garçonne ainda eram ilhas de possível irmanamento, protegidas da serialidade indistinta, até da mentira, talvez, e mais alcançáveis, sob a franjinha, do que o soslaio sob a aba do chapéu e os vultos ao fundo, perdidos na dimensão do espelho do bar. Ao menos davam essa impressão, se encarados atentamente. Mais de cento e quinze anos depois, e noutro fim-de-século, a imagem de Gursky vem negar essa possibilidade de comunicação última, esse precário ponto de referência.

Em Manet, os olhos da moça eram, sobretudo, centros. Lhes era inerente certa aglutinação de significados, certa demora benfazeja. Levando-nos a outra direção, a tomada fotográfica do supermercado, em *99 Cent*, não apresenta um núcleo sógnico, um centro icônico ao redor do qual se estrutura o restante da imagem, como a mulher (e seu cliente-fantasma) estruturavam *Un bar aux Folies-Bergère*. Oca em seu centro imagético, sem coluna vertebral, o espaço e os produtos capturados pela lente de Gursky dão a impressão de que se reduplicarão desornadamente, por todos os cantos: clones expansivos, contínuos, tautológicos, avançando. Um mundo-paisagem, coisificado, sem pessoas. De forma análoga, também os hipermercados se deconectam dos velhos centros urbanos, e multiplicam-se nas periferias, como postos avançados de uma contínua colonização em marcha, a se perder de vista.

Num poema de Bolaño intitulado ‘Nuevas urbanizaciones: pesadilla’, de “Nada malo me ocurrirá”, [UD, 140] os supermercados se agigantam, tomam o panorama: “Ciudades nuevas con parques y juegos infantiles | y Grandes Supermercados... | en zonas abiertas, em viejos pantanos, en haciendas | abandonadas... | con guarderías y farmacias y tiendas | y pequeños restaurantes”. Lançam fundações até mesmo sobre alagadiços a serem drenados, prosperam sobre os ermos, superam os cordões metropolitanos, e deglutem as adjacências e os arrabaldes. São contíguos às redes de policiamento; são espaços de vigilância e para a vigilância. São avanços estratégicos, assim, da civilização do capital, de seu consumo e consumação mundializada. “Y es demasiado tarde para sair indemne | de la pesadilla...”, fala o verso final. As “novas urbanizações” entram, na obra do chileno, na categoria do mau sonho, do delírio e da sensação fantasmática de irrealidade. “Las siete primeras secciones de *La Universidad Desconocida* están fechadas entre 1978 y 1981.

“Una Barcelona que me asombraba y instruía aparece y desaparece en todos los poemas” [UD, 443]. A cidade assombradora é uma cidade-miragem, uma cidade-pesadela. Bolaño a vê como uma cidade-fantasma, e dela depende sua nova educação sentimental. Diferentemente do que ocorria na espectral Cidade do México, a mítica terra da adolescência e juventude, na Barcelona-fantasma não há comunhão; não há sequer amizade, ou grupos poéticos, ou infrarrealismo. Há solidão e isolamento, e sensação de carência e envelhecimento precoce.

<sup>1</sup>Neste trabalho as referências ao livro *La Universidad Desconocida* estão marcadas pela sigla UD, seguidas de paginação.

<sup>2</sup>Disponível em <https://www.andreasgursky.com/en/works/1999/99-cent>.

“Cidades supermercados fronteras”, consumo e intempérie. À semelhança do que ocorre com o campo do consumo, a intempérie associável ao pesadelo das novas urbanizações é bem específica, em “San Roberto de Troya”. Ela se liga à figura do imigrante. À fronteira policiada, ao nomadismo, à caça ao sudaca sem-papéis, tema forte, por exemplo, ao livro posterior, “Mi vida en los tubos de supervivencia”. “[...] Suerte | para estos proletarios nómadas | que lo dan todo con amor” [UD, 109], diz um dos poemas dedicados à mãe de Roberto Bolaño, sra. Victoria Ávalos. “El paciente llega a la ciudad extranjera”, fala um verso de ‘La ventana’ [UD, 98]. Em “San Roberto de Troya”, a cidade estrangeira não é amarga apenas por representar o exílio: quando o 5º Distrito toma o lugar de Tepeyac, o enfraquecimento não é só sentimental, mas também físico. Para Bolaño, o exilado-imigrante é um paciente, um enfermo. Trata-se de uma alegoria de sua fragilidade, sob a intempérie. Se o imigrante é um paciente, a cidade-fronteira é, magicamente, um hospital e um açougue. Diz-se, em outro poema dedicado à Victoria, ‘Victoria Ávalos y yo’: “[...] las carnicerías que nos rodean tenaces | en la división y multiplicación del dolor | como si las ciudades en que vivimos fueran | una sala de hospital interminable” [UD, 110]. Como os supermercados multiplicam o sortilégio das mercadorias, no mundo-consumo, assim as fronteiras e as zonas de passagem, pelas quais transitam os migrantes, expandem sua dor e seu relento. Nas cidades-fantasmas em que vivem o poeta expatriado e sua mãe – o termo “cidade” vem mais uma vez no plural, realçando a errância, embora Barcelona seja o núcleo duro dessas ocorrências – paralisam-se seus corpos padecentes, e pacientes, já que aguardam, num hospital interminável. O futuro não lhes traz a perspectiva de convalescimento, entretanto: traz consigo, antes, a antevisão do abatedouro.

### A cidade da melancolia

Gigantes os supermercados, e intermináveis os hospitais. Essas duas alegorias espaciais são metonímias da cidade-fantasma, uma declinação urbana tornada padrão nas décadas finais do século passado, e que ainda hoje predomina, quarenta anos depois. Esta formatação do espaço formulará, através das vozes poéticas de “San Roberto de Troya”, algumas sensações de angústia, para lembrarmos de uma expressão de Benjamin, e outras de redenção, ou ao menos de atenuação da intempérie. Serão elas as seguintes.

As impressões de solidão absoluta, de habitar-se um velho deserto, um mundo vazio, incompreensível (i). Note-se que este efeito sobre o sujeito poético não pode ser amenizado sequer pelo intercurso sexual, ou por sua energização [cf. UD, 99], porque o panorama seguirá sendo desolado e lunar: “Los faros barren tres veces la ciudad | Esta ciudad imaginaria (...)” [UD, 124]; “mi soledad al cabo de la jornada” [UD, 113]. É por isso que, devido a essa experiência urbana, as paisagens abandonadas e as estações vazias aparecerão sempre mais do que as pessoas, antecipando uma pós-humanidade, um planisfério de ruínas [UD, 119].

Haverá as impressões de não-devir (ii): as de apagamento completo da memória e da experiência transmissíveis, e até mesmo o desejo desse apagamento, como deixam ver os poemas sobre as ruínas de Troia e Alexandria, onde moram as cidades incendiadas e submersas, cobertas pelas algas [UD, 112; 104].

Engendrará a cidade melancólica, além disso, as evocações de um passado já remoto, ou seja, referente ao México e ao Chile (iii) [UD, 122; 118], sempre de maneira evanescente. Ilusória, a irrupção na memória de um velho tempo irredentor deixa escapar outra fantasmagoria de redenção: aquela que sustenta que os interiores podem ser protetores, e que no âmago dos quartos e dos apartamentos não existirá o mundo (iv). Bastara manter as portas fechadas para que os choques da rua perdessem contundência: bom fogo, boa colcha, dormir e dormir, como atestam os diálogos com Sá-Carneiro [UD, 115]. Na fantasmagoria do interior abrigado, enfim abrigado!, podemos estar cegos por alguns instantes, e até mesmo brincar de que não conhecemos as ruas algo arltianas, a exemplo do que diz o eu poético a Rosa Lentini: “Juguemos a la gallina ciega | cuando en casa sólo estemos nosotros dos | y el jorobadito nos contemple desde la calle” [UD, 116].

Já no final de “San Roberto de Troya” as fantasmagorias convergirão não à prostração, mas ao cataclisma e ao estouro, apenas sonhados, da ordem cotidiana, da ordem das fronteiras e supermercados. Esta é clave de desfecho utópico e violento, embora não necessariamente revolucionário, que arremata o livro: “Sueño con un fin de semana | Lleno de policías muertos y automóviles | quemándose en la pla-ya [UD, 166] (v).

Estas cinco ilusões fantasmagóricas cavam profundidade no peito do sujeito poético, advindas que são da cidade-fantasma, das novas urbanizações – e das dinâmicas a elas inerentes – a incidirem sobre os corpos habitantes desses territórios. No caso específico de “San Roberto de Troya”, justamente pela tipificação das fantasmagorias que se projetam neste livro, a cidade-fantasma configura-se sobretudo como a terra da melancolia, onde o poeta-imigrante tem algo de “[...] un molesto huésped | en la Tierra Sombría” [BOLAÑO, 2010, p, 337].

## A cidade velha

No entanto, a cidade da melancolia, e seus efeitos, não passam a medrar somente a partir dos novos signos do capital. Também se fazem essas tristezas presentes nas ruas mais antigas, reestruturadas à maneira das novas urbanizações, ou seja, conforme a moda do capitalismo dos fins de século, e estarão até mesmo na rememoração constante do tempo remoto, a que a ruminação do melancólico veste de luto. Os dois poemas iniciais do livro analisado ilustram-no.

Como ocorre em “Mi vida en los tubos de supervivencia”, “San Roberto de Troya” é um livro de poemas cujo ponto de partida é o nascimento do eu poético, o que dá ao todo um ar cosmogônico, comum a Bolaño. ‘Mesa de fierro’ [UD, 97] diz: “nacé en abril, en una ciudad gris”. A pobreza é evocada pela bacia de plástico. A vida de percalços se anuncia pela repetição dos sinais gráficos das reticências ao fim dos versos, como linhas descontínuas à palma da mão, e dessa atmosfera a cidade se infectará: “La proeza era vivir, pasearse por avenidas fragmentadas...”. O ferberço é mau sinal: na cultura hermética, esse metal é alegoria do mau agouro e da lucidez, a um tempo, e muitos anos depois as palavras enlouquecidas e reais da vidente Florita Almada, durante a transmissão de um programa televisivo popular, evocando a sideromania, virão denunciar os feminicídios a ocorrer serialmente em Santa Teresa, como atesta 2666 [Bolaño, 2010b, págs. 5734]. Vale notar que em “Mesa de fierro”, poema da juventude, escrito antes de Bolaño completar 30 anos, já se revelam três categorias as quais se enlaçarão em sua obra maior, de maneira firme: a literatura, a mulher e o assassino. “Escribí un poema intitulado *Muchacha vacía...* | [...] la muchacha dice adiós al asesino”.

Tendo-se narrado o nascimento, o poema subsequente vem inserir o poeta em seu locus: o do imigrante numa terra de exílio. Trata-se do mencionado ‘La ventana’ [UD, 98]. Nele, o “sudamericano en tierra de godos” constrói uma pequena maquete da cidade da melancolia, morada de sua solidão, prefigurada desde o nascimento:

El paciente llega a la ciudad extranjera.  
Si tuviera una mujer, escucha que dicen a su  
espalda. Pero no hay nadie: es Barcelona y risas  
de chaperos, delincuentes, camellos, niños pálidos  
de los futbolines. Me gustaría, me gustaría,  
me gustaría mucho, dice alguien con acento  
alemán. Pero apenas lo escucha.

La muchacha que mira por la ventana  
del hotel. Oh fuga de palabras, una Barcelona imaginaria,  
medianoche en la calle, la gente es feliz,  
el novio, las estrellas como gemas incrustadas  
en un libro que el extranjero jamás terminará de leer  
(al menos en este mundo), la noche, el mar,  
gente feliz asomada a una ventana abierta.

Toda la tristeza de estos años  
se perderá contigo.

Atrás de si, sussurros fantasmáticos, enfim inexistentes, lhe explicitam o isolamento. Pode-se imaginar de que maneira, sob o signo de qual idealização romântica, a mulher-fantasma, à ex machina, poderia surgir dentre os passantes e tomar o vagabundo pelas mãos, para apontar-lhe uma direção através das ruas desertas e das praças ermas, mais ou menos como escreveu Pavese no poema que dá título a seu livro *Trabajar cansa* (PAVESE, 2009, 245). Contudo, à diferença do que ocorre no poeta italiano, em ‘La ventana’ as ruas da cidade da melancolia não estão devolutas, tampouco cravejadas de símbolos de tristeza, paradoxalmente. A zona dessa cidade semi-imaginária, onde estão os espectros e de onde fogem as palavras, é presumivelmente turística, e concentrada de excitação. Há um hotel, há marcas de um sotaque estrangeiro. Há uma turista na varanda, à meia-noite de calor. Estamos, é provável, na cidade velha, longe das novas urbanizações, embora se mantenha, em seu centro histórico, a frequência dos pesadelos. Com essa cidade fugaz o eu lírico não se comunica, da mesma maneira: ele atravessa seus espaços furtivamente. Pode vê-la mas não pode tocá-la. Nesse texto, a cidade da melancolia se revela inóspita, apesar de a ilusão do lazer noturno projetá-la de maneira diferente, encantatória. Daí seu caráter imaginário, e as palavras fugidias que a esboçam: advêm do descompasso e dessincronia entre a fantasmagoria do local turístico, por um lado, e o isolamento do corpo migrante, invisibilizado, que o atravessa ao relento, por outro, como um fantasma inevitável.

Fantasma-escritor, a registrar o que vê: “chaperos, delincuentes, camellos [...]”. Ou seja: jovens garotos de programa, traficantes, drogados, meninos pálidos dos pebolins<sup>3</sup>. O que temos nesta passagem não é exatamente “el hampa”, ou os velhos “bajos fondos”: antes, é uma delinquência programática, pasteurizada, não apenas tolerada, mas gerida no fim do século XX como uma atração turística em si, mais “real” enfim: a compra de de sexo e entorpecentes como marcas da autenticidade e da experiência total num dado local aonde se viaja, carente este de experiências “autênticas”, supostamente, por sua própria inscrição na economia simbólica como locus de consumo, nos roteiros mais ou menos cotados deste mundo. Embora lindos, os balnerários, narrativas e enredos rohmerianos, naqueles amenos e eternos verões europeus, tinham consigo o pecado de uma falta. Faltava, a eles, retratarem uma fantasmagoria farmacopornográfica a estruturar todas as relações entre as personagens, como ocorre nessa passagem de ‘La ventana’. É essa ausência o que dá a esses filmes (como *Pauline na praia* ou *A colecionadora*) um ar naïf, cínico talvez, mas, seja como for, sobretudo alijado de seu próprio tempo.

Hóspede da terra sombria, o imigrante em ‘La ventana’ vê a cidade como um livro quase ilegível, e ao qual não será capaz de terminar, nesta vida.

E nas janelas acima, as gentes felizes, jogando-lhe na cara os estamentos de classe. Para o melancólico, toda a tristeza cai como chumbo. Tem ele a impressão de que sua solidão é absoluta, e irremediável. E se o mundo está vazio, nada resta a ser feito. Por causa disso, o mundo dos mortos, o país desconhecido, já começa a lhe surgir como possibilidade de escape do cotidiano funcional das cidades novas (supermercados, fronteiras, hospitais) e do lazer, agora heterotópico, das cidades velhas (a zona de prostituição, a cidade cartão-postal): destes anos, com a morte anunciada, toda a tristeza se perderá.

Velha é a técnica de se embutir o memento mori – comum em Bolaño, um leitor dos clássicos – num cenário de presumível fruição noturna, para fins de maior realce contra o pano de fundo. Prenunciar esta mortalidade é a oração do melancólico. E ela não é apenas subjetiva. Carente da possibilidade revolucionária, o habitante da cidade da melancolia enxerga em sua própria auto-destruição enunciada uma maneira de profetizar aos espaços que o cercam o prenúncio das ruínas futuras (quando as varandas afundarem nos pântanos), e de antecipar à máquina do mundo visões fantasmagóricas de uma catástrofe a se abater sobre os tempos de hoje, calcados no ferro, no plástico e na ferrugem.

<sup>3</sup>Note-se que em Bolaño os bares de pebolins – hoje desaparecidos das cidades, como os salões de arcades e fliperamas desapareceram nos anos noventa – são os emblemas da prostituição masculina. Em *Consejos de un discípulo de Morrison a un fanático de Joyce*, diz-se: “Comencé por los futbolines de las Ramblas, entre los niños que se vendían por quinientas pesetas o un poco más” (BOLAÑO e PORTA, 2018, pág. 130).

## Referências bibliográficas:

- AUGÉ, M. Não-lugares: introdução a uma antropologia da super-modernidade. Campinas: Papirus, 2018.
- BENJAMIN, W. Baudelaire e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- Passagens. Belo Horizonte/São Paulo: Autêntica/UFMG, 2009.
- BOLAÑO, R. 2666. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.
- A Universidade Desconhecida. São Paulo: Cia. das Letras.
- El tercer Reich. Barcelona: Anagrama, 2010.
- La Universidad Desconocida. Barcelona: Anagrama, 2007.
- BOLAÑO, R. e PORTA, A. *Consejos de un discípulo de Morrison a un fanático de Joyce*. Barcelona: Alfaguara, 2018.
- HOBBSAWM, E. A era dos extremos: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- PAVESE, C. *Trabalhar cansa*. São Paulo: Cosac-Naify, 2009.
- PRECIADO, P. *Testo junkie. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacoporno-gráfica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

# O QUE NÓS QUEREMOS?

**O que nós queremos?** Foi perambulando por três dias com esta pergunta estampada de preto em camisetas brancas, que quase cem estudantes da FAU PUC-Campinas convidaram para o que viria a ser o maior EREA de todos os tempos. Isso mesmo! Pouco menos de 2 mil estudantes, de todo país, se reuniram em Campinas em abril de 1998, para mudar os rumos dos Encontros de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo e fazer presença na cidade.

**Nós queremos vocês!** Com essa camiseta de resposta, no último dia do EREA Bauru de 1997, seguimos cantarolando ao som da nossa Janis Joplin (a Maura, cantora e estudante do 5º ano), encantando a todos. Nós queremos vocês!

Foram 400 dias de trabalhos intensos dedicados à preparação do Encontro. Não havia telefone celular, muito menos internet ou redes sociais naqueles tempos. Seguimos em caravanas pelas 36 outras escolas de arquitetura do Estado de São Paulo, chamando para o Encontro em Campinas e apresentando a FENEA – Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo.

A sede do evento estava programada para o Colégio Culto à Ciência, no Centro. Porém, há uma semana do início, foi atingido o número máximo previsto de 1 mil estudantes inscritos. Em 7 dias tivemos que transferir o evento para o prédio da PUCC Seminário, hoje campus Swift da USF – Universidade São Francisco. Isso mudou toda a logística do encontro e foi necessário dobrar os contratos de infraestrutura, alimentação e transportes. Uma loucura! Enfim... deu tudo certo e a abertura foi um lindo espetáculo na arena pública do Centro de Convivência. Naquela época o trem ainda operava para passageiros e alguns estudantes chegaram de São Paulo pelos trilhos da FEPASA! Bons tempos! Ela foi fechada em 2001 em razão das privatizações e concessões para os setores logísticos de commodities. Demos um amargo passo atrás na mobilidade urbana regional!

De fato, o XI EREA Campinas não foi um encontro comum. Sob o tema **"a Construção da Cidade Contemporânea"**, reestruturamos o evento jogando luz às grandes questões que afligiam (e ainda afligem) as cidades e a sociedade brasileira. Buscando romper os muros dos lugares que recebiam, mas confinavam os estudantes nos encontros, levamos os debates para a cidade, por meio dos **TIC – Trabalhos Integrados na Cidade**. Não à toa os jornais publicavam: **"arquitetos à solta"**!

Foram organizados cinco subtemas integradores: 1. Espaço Livre Público; 2. Espaço Habitado; 3. A Imagem da Cidade; 4. Tempo e Memória e 5. Sociabilidade Contemporânea. Cada TIC teve uma aula magna, com um professor de referência e os trabalhos aconteceram espalhados nos bairros e territórios de interesse, integrando várias oficinas aos objetivos de cada Trabalho Integrado na Cidade.

# Arquitetos à solta

Estudantes de 36 escolas de arquitetura e urbanismo do Estado de São Paulo realizam intervenções urbanas em Campinas



No Largo do Rosário os participantes pretendem erguer uma escultura

Mais de 1.600 futuros arquitetos desembarcam em Campinas no próximo mês de abril, onde participam XI Erea (Encontro Regional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo), cujo tema, este ano, será "A Construção da Cidade Contemporânea".

O encontro acontece entre os dias 17 e 21 de abril e será marcado por intervenções urbanas em espaços residenciais, públicos e abandonados. "A intervenção urbana é uma maneira de criar vínculos entre o mundo acadêmico e a população", afirmou Vanessa Gayego Bello Figueiredo, estudante da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) da PUC-Campinas e coordenadora geral da comissão que organiza o evento.

No primeiro caso, os estudantes irão agir nas favelas Moscou, Gênese e Vila Brandina (todas em Campinas), aplicando na prática projetos de melhoria do aproveitamento dos espaços de convivência e de lazer. Nessas intervenções, segundo Vanessa, será apresentado aos moradores uma nova tecnologia de produção de concreto, desenvolvida por estudantes da área.

O espaço público escolhido para o trabalho dos alunos é o Largo do Rosário, no centro de Campinas, onde os participantes pretendem, entre outras ações, erguer uma escultura. Os estudantes vão agir ainda na Estação Guanabara, antiga Mogiana, onde pretendem desenvolver trabalho com vistas à recuperação do projeto Museu Itinerante, idealizado pela arquiteta Lina Bo Bardi.

## O QUE SÃO OS EREA

Os Erea (Encontros Regionais de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo) fazem parte de um projeto da Fenea (Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo) e acontecem desde 1983, reunindo cursos de todo o Estado de São Paulo. Essa é a segunda vez que o evento ocorre em Campinas.

O tema a ser desenvolvido em São Paulo ("A Construção da Cidade Contemporânea") é o mesmo das outras quatro regiões definidas pela Fenea (Sul, Norte/Nordeste, Centro e Leste). Após todas terem feito seus trabalhos, acontece o Enea (Encontro Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo), previsto para o Rio de Janeiro, entre os dias 20 e 27 de julho. No segundo semestre, as propostas e experiências

apresentadas nesse encontro nacional serão levadas para o Encontro Latino-Americano.

Os objetivos do XI Erea são seis:

- 1) Fazer do encontro um evento não somente para os estudantes de arquitetura e urbanismo, mas para a cidade que o sedia;
- 2) Retomar a idéia de movimento estudantil;
- 3) Popularizar o conhecimento de arquitetura e urbanismo;
- 4) Integrar o cidadão, em todos os níveis sócio-culturais, às atividades do encontro;
- 5) Promover o debate sobre o ensino e aprendizado de arquitetura e urbanismo nas escolas do Estado de São Paulo;
- 6) Fazer do encontro um evento cultural com fins beneficentes.

## Estudantes de arquitetura realizam mutirão em favela

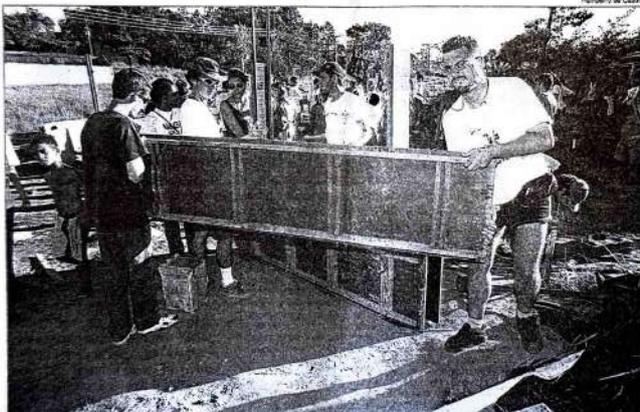
Mais de mil estudantes de arquitetura de todo o Estado de São Paulo, puseram a mão na massa ontem, literalmente. Eles passaram toda a tarde, fazendo atividades em Campinas, entre elas, construindo uma praça na Favela da Vila Brandina. O serviço fica pronto hoje, no final da tarde.

A maior parte das atividades se concentrou na favela, mas também haviam grupos no Largo do Rosário e na Praça Carlos Gomes. As atividades fazem parte do Encontro Regional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (Erea).

Na Vila Brandina os futuros arquitetos também fizeram uma ponte de bambu, substituindo uma pinguela, feita com pedaços de paus, totalmente insegura. A ponte vai auxiliar na travessia do córrego para quem precisa utilizar o orelhão, colocado do outro lado.

Próximo deste local, um grupo de universitários está pintando os muros das casas simples da favela, com motivos *maias* ou *indianos*, tornando o visual da rua bastante moderno e agradável.

Outro grupo realiza um trabalho recreativo com as crianças do bairro, além de ensinar técnicas de pintura. A criança recebeu refrigerantes gratuitamente dos estudantes, que gastaram mais de R\$ 10 mil com o evento. Hoje, na conclusão do trabalho, será realizada uma *pizzada*, produzida no forno de pizza construído pelos próprios estudantes.



Mais de mil estudantes de arquitetura de todo o Estado de São Paulo participaram da atividade

A praça que os futuros arquitetos estão fazendo no bairro terá um ponto de ônibus feito em bambu e vários brinquedos com materiais alternativos, como balanços, túneis, amarelinha etc. Além disso, os alunos fizeram alguns bancos.

Nos fundos do ponto de ônibus, haverá uma parede, feita com terra, cimento e água, que servirá como proteção da chuva e vento para quem estiver no ponto e também como painel informativo.

Os bancos serão feitos com argamassa armada - um material mais antigo que o concreto. Quem ensinou a técnica aos estudantes para fazer os banquinhos, foi Valdemir Lucio Rosa, arquiteto formado pela Puc-Campinas, e organizador do 1º Erea, em 1983, também em Campinas.

A praça recebeu ontem, uma escultura feita com barro, açúcar e serragem. A escultura é uma mistura de uma árvore e uma antena

parabólica, que, segundo Alessandro Pontes, da Faculdade de Arquitetura de Santos, servirá para trazer energias positivas para a favela.

A parede onde serão pendurados os balanços, foi feita com um material experimental chamado *Stocker*, feito com concreto e latas de alumínio. Material que está sendo desenvolvido na Puc-Campinas, para habitações econômicas pelo arquiteto Philippe Mesnier.

## Moradores dão nota 10

A comunidade da Vila Brandina aprovou o trabalho dos futuros arquitetos. "Aqui na Vila, as crianças não têm onde brincar e a praça vai ser ótima. Além disso, todo o trabalho está ficando lindo", comenta Maria de Lourdes Oliveira, que mora há 15 anos no bairro.

Para ela, o ponto de ônibus também vai ser útil aos moradores, que costumam ficar embaixo de sol e chuva. Para a filha dela, Edna Maria de Oliveira, as pinturas

dos muros vão embelezar o bairro.

Os estudantes que participaram das atividades, também se sentem realizados por melhorar de alguma forma, a vida dos moradores. "Nós estamos ajudando a mudar a cara da favela", explica Alessandra Gabarra Laguna, que faz o 1º ano de arquitetura na Unip (Universidade Paulista) de Ribeirão Preto. "O legal é que os moradores, principalmente as crianças, estão participando de tudo", conta.

O subtema “Tempo e Memória” foi conduzido pelo nosso querido e saudoso ex-prefeito, arquiteto e professor Toninho, que realizou uma linda aula de abertura em sua Casa Grande e Tulha, cujo nome homenageia essa nossa revista. Os trabalhos foram desenvolvidos no Largo do Rosário, onde montamos uma gigantesca estrutura em andaimes, lembrando a antiga marquise modernista que emoldurava a praça em forma de “u”, projeto assinado pelo arquiteto Renato Righetto em 1958. Aos mais jovens, o projeto do Largo que hoje se faz presente é uma remodelação datada de 1998, ano do EREA Campinas, inspirada na antiga praça de 1934, trazendo de volta aqueles postes pretos em ferro fundido. As oficinas relacionadas a esta atividade foram: estrutura atirantada, estrutura metálica, bambu, espuma, colagem, origami gigante, tecido elástico, barbante, papel marchê e isopor. O propósito foi trabalhar esses materiais e técnicas a partir de uma reflexão crítica sobre as intervenções em áreas de interesse histórico e cultural e os apagamentos impostos por esses projetos fundamentados em cópias do passado ou na busca do projeto original. O resultado foi uma bela instalação de intervenção crítica na praça mais simbólica de Campinas, comemorada com o bom e velho “perequetê” da FENEA ao final.

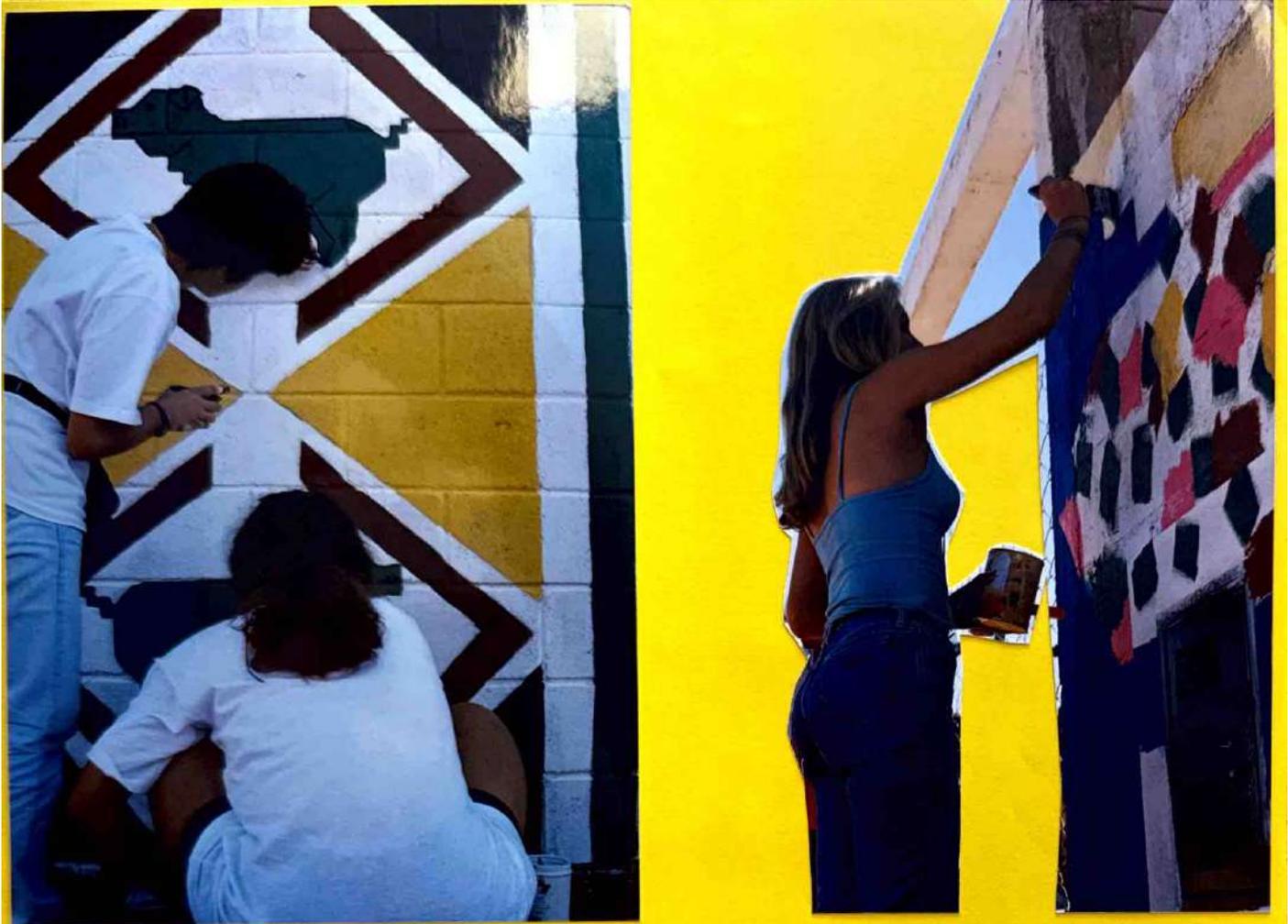
Os TICs “Espaço Livre Público” e “Espaço Habitado” foram realizados na Vila Brandina, uma ocupação com moradias precárias em enconsta de curso d’ água sem infraestrutura urbana, à época, localizada ao lado do Clube Hípica, numa das regiões mais ricas de Campinas. Realizaram as aulas magnas os professores Murilo Marx, na escola em frente à praça que iríamos implantar e Ricardo Moretti, no Centro Comunitário. Foram 4 meses de trabalhos prévios e 2 meses de trabalhos posteriores realizados junto à comunidade da Vila. Tião Mineiro, mestre folião de reis e liderança histórica desde a ocupação desta área em 1965, que se emocionou com as “obras” do EREA, ainda vive nas ruas hoje asfaltadas da Brandina. Cerca de 600 estudantes realizaram uma intervenção em 3 dias que marcaria a memória dos moradores pobres e ricos do entorno. Um eixo foi marcado desde a entrada do bairro até o centro comunitário. Uma praça foi implantada, com piso em tijolos de barro, bancos em madeira e taipa de pilão, brinquedos geodésicos, paisagismo, parede de stocker (latas de alumínio e placas de biocimento) e ponto de ônibus em estrutura de bambu atirantada. No trajeto, foi feita uma ponte de bambu para atravessar o córrego. Os muros das casas foram pintados com desenhos geometrizados a partir de temas escolhidos pelos moradores. Lembro que um palmeirense roxo só deixaria pintar seu muro se fosse para enchê-los de porcos verdes. E assim foi! Com a participação das crianças, os muros da viela e do Centro Comunitário ganharam rebocos e acabamentos coloridos com mosaicos cerâmicos e texturização em parede. Foram produzidos mobiliários residenciais reciclados para os moradores. E, como não poderia faltar, foram feitos dois fornos de pizza, um dentro da escola e outro no centro comunitário, ambos acompanhados de enormes esculturas humanas de barro. A festa do último dia adentrou a noite na Vila Brandina com uma bela pizzada e um gigante perequetê! Foi a comunhão de futuros arquitetos e arquitetas, muitos nunca haviam pisado numa favela, com o povo que luta por sobrevivência, pelo direito à moradia digna e à cidade numa das cidades mais caras do país!



TIC Largo do Rosário. Acervo Vanessa Gayego Bello Figueiredo.

<sup>1</sup> Os perequetês eram uma tradição festiva nos encontros de estudantes de arquitetura em toda América do Sul. Eram atividades lúdicas de integração que reuniam os estudantes em rodas. Um condutor cantava as chamadas e fazia os gestos da dança que eram copiados pelos participantes. A roda ia se movimentando e ao final todos se sentam no colo do outro, mas ainda em roda, e tentam andar todos sentados e sincronizados, até que todos caiam juntos ao chão! Era muito divertido e mobilizador!





78



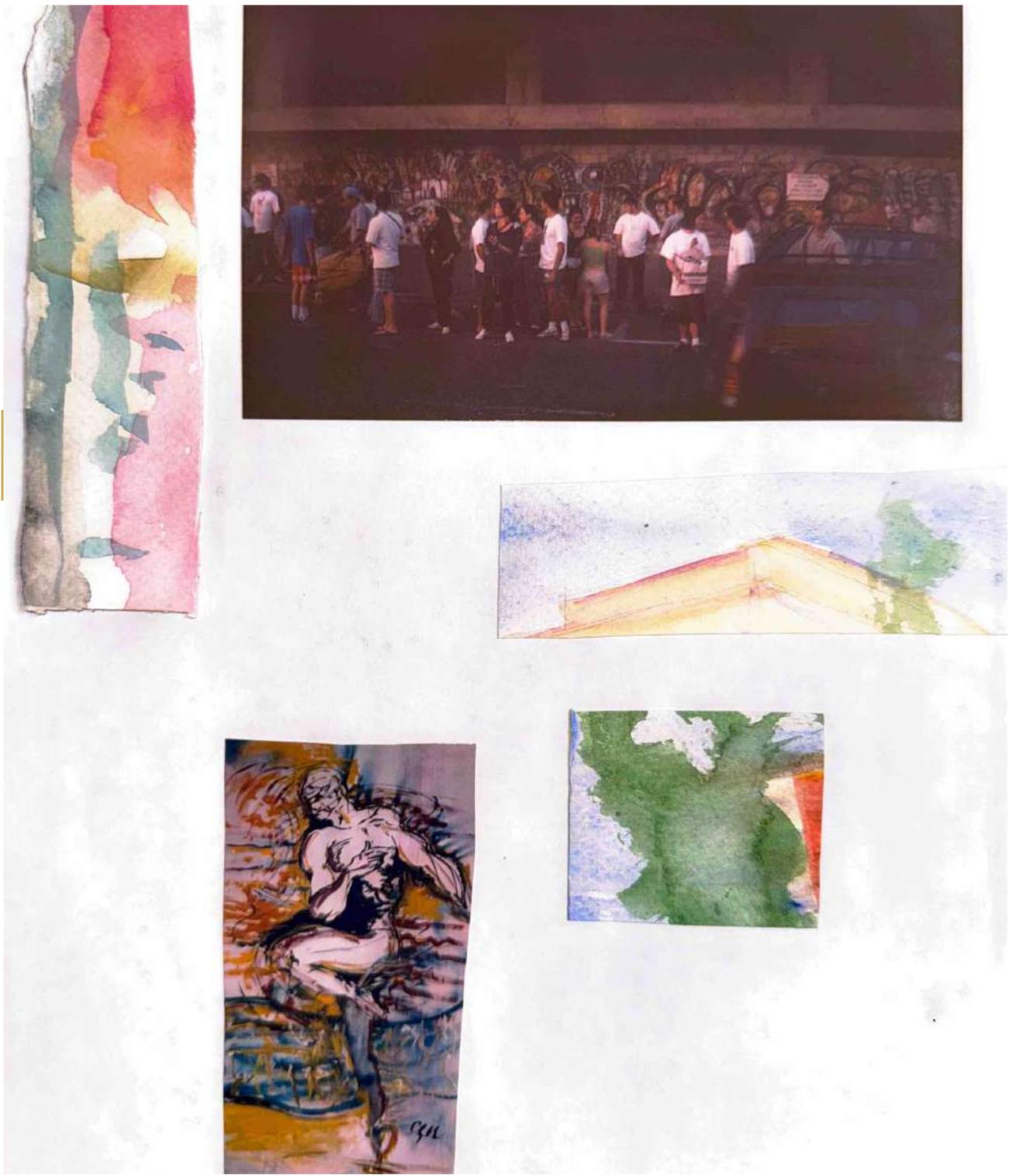
TICs Espaço Livre Público e Espaço Habitado. Acervo Vanessa Gayego Bello Figueiredo.



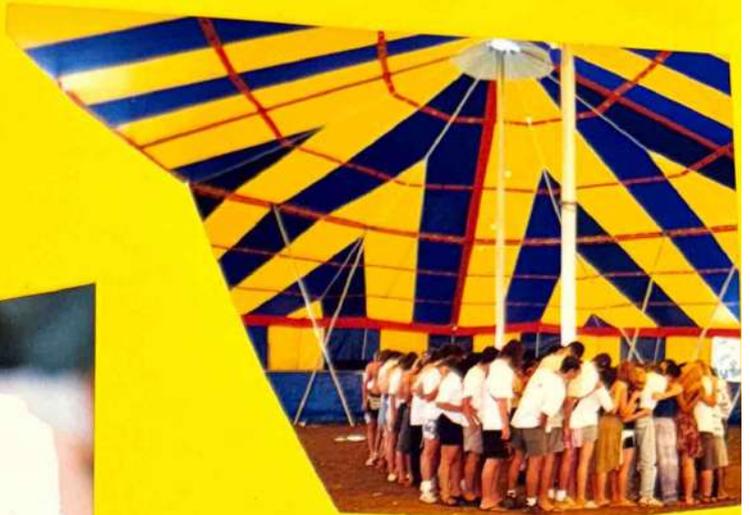
TICs Espaço Livre Público e Espaço Habitado. Acervo Vanessa Gayego Bello Figueiredo.

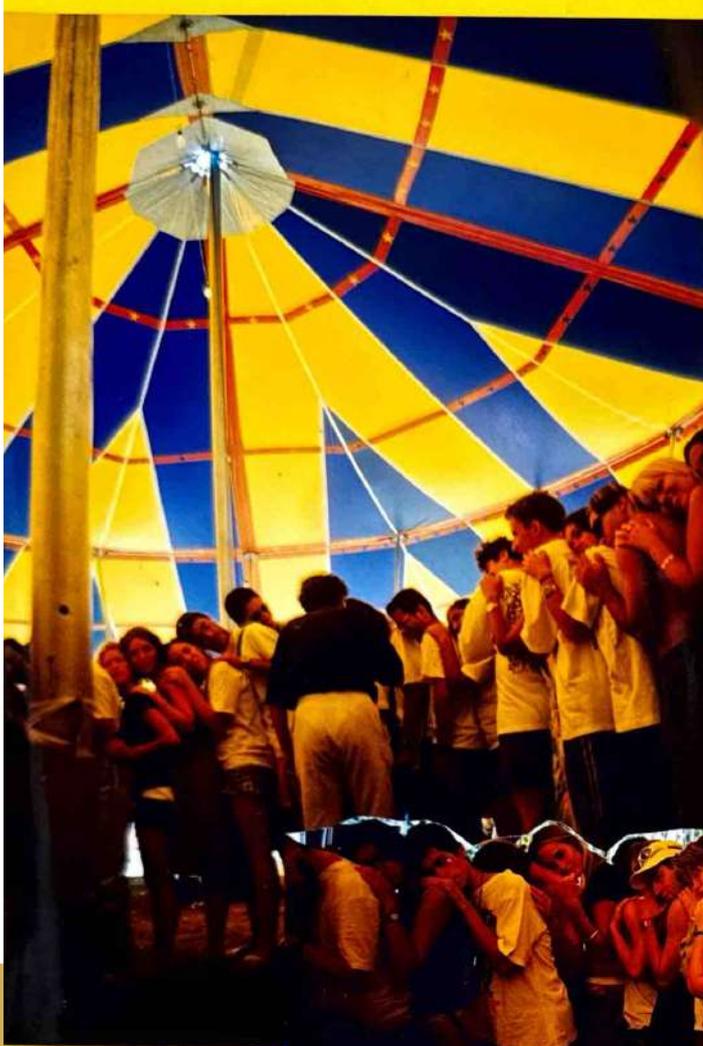
O TIC "a Imagem da Cidade" contou com a abertura do arquiteto e professor Luís Antônio Jorge e as intervenções foram feitas nos muros da antiga rodoviária de Campinas, recém abandonada (área que hoje abriga o Hospital São Luís). Oficinas como fotografia, vídeo, grafite, história em quadrinhos, desenho e aquarela puderam registrar as reflexões críticas e propostas relacionadas ao desenho urbano e à paisagem, ao abandono de áreas centrais, aos signos e significados culturais da vida e da arte urbana e das imagens da cidade e suas paisagens contemporâneas.

Por fim, o TIC "Sociabilidade Contemporânea" contou com a contribuição da socióloga Cibele Saliba Risek, que buscou se aproximar das diversas formas de viver na cidade, apesar da cidade, bela e atroz. Com foco no ser humano, essa temática buscou empreender a percepção das mazelas, pesares, oportunidades e delícias dos ambientes urbanos. Oficinas de teatro, fantoche, cenografia, expressão corporal, coral, dança e máscara em gesso resultaram em um belo espetáculo que encantou os demais participantes do EREA no evento final.



TIC A Imagem da Cidade. Acervo Vanessa Gayego Bello Figueiredo.





TIC Sociabilidade Contemporânea. Acervo Vanessa Gayego Bello Figueiredo.

Além desses Trabalhos Integrados na Cidade, houve visitas guiadas pela manhã em locais de interesse histórico, arquitetônico e cultural da cidade. A noite aconteceram palestras com nomes notáveis da arquitetura e urbanismo, como Paulo Mendes da Rocha, Rui Otake, Raquel Rolnik e Sofia Teles. Até as festas foram temáticas. Houve a Festa dos Personagens Urbanos e a Festa das Citações Arquitetônicas. A primeira buscou perceber as pessoas da vida na cidade, o comerciante, o ambulante, o gari, o funcionário público, o correio, o jardineiro, enfim... A segunda foi motivada por uma posição crítica dos estudantes aos projetos que "citavam" demasiadamente referências de linguagens arquitetônicas pregressas e de outros contextos histórico-culturais, reduzindo-as a formas pop-icônicas.

As oficinas, as intervenções e os atos públicos realizados durante os 4 dias do EREA foram bastante documentados pela mídia campineira, em papel, rádio e TV, quase uma mini-série! De fato, o EREA Campinas 1998 conseguiu pautar os grandes problemas urbanos, iluminando o papel social, técnico, artístico e político da nossa profissão, a arquitetura e urbanismo. **E... hoje? O que nós queremos?**

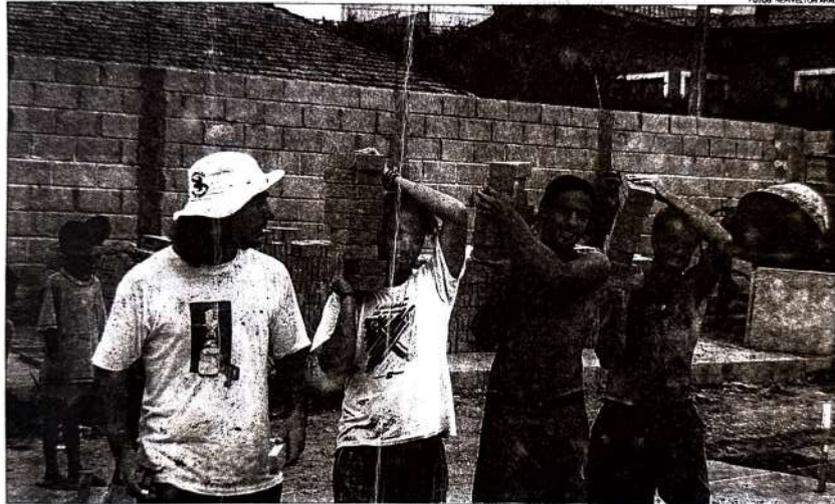
## Futuros arquitetos fazem intervenção urbana

**P**elo menos 1,6 mil futuros arquitetos começaram a chegar ontem a Campinas para o XI Encontro Regional de Arquitetura e Urbanismo (Erea). Este ano, os alunos decidiram abandonar as discussões teóricas e partir para intervenções práticas junto à comunidade. O tema do Erea é *A Construção da Cidade Contemporânea*.

Hoje, os estudantes constroem uma praça, dois fornos de pizza e pintam muros na Vila Brandina. Eles também ergueram uma escultura no Largo do Rosário que reproduzirá o antigo formato da praça e grafitam o muro do prédio da Rodoviária, no bairro do Botafogo.

"A intervenção acadêmica é uma maneira de criarmos vínculos entre a população e o mundo acadêmico", disse Vanessa Gayete Bello Figueiredo, uma das organizadoras do Erea e estudante do 5º ano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Campinas).

**MÃO NA MASSA**  
O trabalho de colocar a mão literalmente na massa na Vila Brandina começou na última terça-feira, com grupos de alunos preparando o terreno ao lado da escola estadual Al-



Estudantes da PUC-Campinas trabalham na construção de praça na Vila Brandina: intervenções em benefício da comunidade

berto Medaljon para a construção da praça. Hoje, 350 estudantes vão estar no bairro, espalhados entre a área da nova praça e o Centro Comunitário.

A praça vai receber brinquedos para as crianças, um ponto de ônibus e construído

com bambu, além de piso em mosaico. Os materiais usados são alternativos. Para construção dos blocos foram usados serragem de madeira, areia, cimento, água e latas de alumínio.

"É uma técnica barata para reciclar material poluente. A pesquisa foi desenvolvida pelo arquiteto francês Felipe Reunier", explicou o estudante Eduardo Salgado Marconi, do 5º

ano da FAU.

Marconi, Eduardo Aranha e Tomaz Lotujo, todos alunos da FAU da PUC-Campinas estavam eufóricos ontem com o trabalho na Vila Brandina. "A comunidade tem ajudado bastante", disse Aranha.

As intervenções no bairro terminam na próxima segunda-feira com uma comemoração regada a pizza. "Vamos construir os fornos

e ensinar a comunidade a preparar as pizzas", disse Vanessa.

O XI Erea vai até terça-feira. Estão participando do encontro, aberto ontem à noite, estudantes de 36 escolas de arquitetura e urbanismo do Estado de São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, Curitiba e Santa Catarina. Os estudantes estão alojados no prédio do Seminário da PUC, no Swift.

### Alunos vão doar alimentos

Os Encontros Regionais de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (Ereas) fazem parte de um projeto da Fenea (Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo) e acontecem desde 1983.

Segundo a estudante Vanessa Gayete Bello Figueiredo, o encontro tem o objetivo de retomar a ideia do movimento estudantil, popularizar o conhecimento da arquitetura e urbanismo, integrar o cidadão em todos os níveis sócio-culturais, promover o debate sobre o ensino e o aprendizado de Arquitetura e Urbanismo nas escolas do Estado de São Paulo e desenvolver, durante o evento, atos beneficentes.

Os organizadores estão recolhendo junto aos participantes dois quilos de alimentos não perecíveis que depois serão doados para entidades carentes da cidade. Vanessa disse que a Prefeitura de Campinas não ajuda no encontro. "Não recebemos nenhuma doação da Prefeitura ou de políticos para as intervenções práticas", comentou.

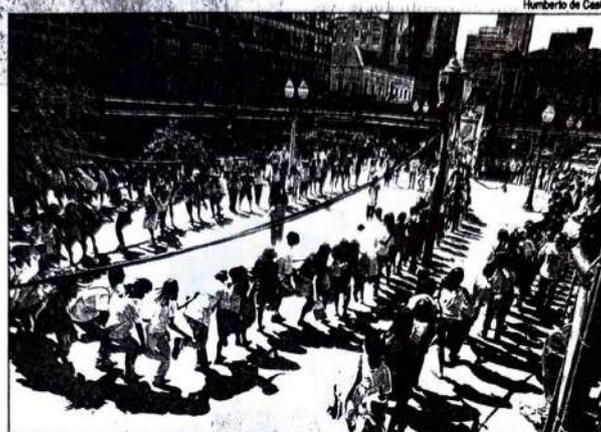
"Escolhemos a Vila Brandina para fazer uma das intervenções porque a favela retrata bem as diferenças sociais. De um lado, um bairro nobre e, de outro, uma população tão carente", disse Vanessa.

## Passeata encerra encontro estudantil

Uma passeata do Centro de Convivência Cultural até o Largo do Rosário encerrou ontem o 11º Encontro Regional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (Erea). A coordenação do encontro contabilizou a participação de 2,2 mil estudantes de todo o Estado, onde existem 36 faculdades de arquitetura.

As propostas apresentadas e discutidas nesse encontro serão levadas ao Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (Enea), a ser realizado de 20 a 27 de julho, no Rio de Janeiro.

O encerramento do 11º Erea começou no Centro de Convivência Cultural. Os universitários saíram de lá ao meio-dia, andaram pela avenida Júlio de Mesquita, Benjamin Constant, Anchieta, Conceição, Francisco Glicério, chegando ao Largo do Rosário. A passeata não atrapalhou o trânsito, pois os estudantes andaram a maior parte do caminho pela calçada.



Estudantes de Arquitetura na manifestação do largo do Rosário

Na praça eles cantaram e dançaram, além de retirarem os plásticos pretos que contornavam os trabalhos. As produções devem ficar expostas durante uma semana. Por quatro dias, os estudantes

estiveram na favela da Vila Brandina, onde fizeram uma praça para os moradores, um ponto de ônibus e brinquedos alternativos. Eles também substituíram uma pinguela insegura por uma ponte de bam-

bu; pintaram as fachadas de algumas casas, reformaram móveis de moradores, pintaram o muro da sede comunitária e ainda fizeram uma forno de pizza. Na despedida anteontem, eles fizeram uma *Pizza-da* para os moradores da favela.

No Largo do Rosário os estudantes relembrou o passado. Lembraram a Igreja do Rosário, que foi demolida, além da Marquise, retirada na Administração passada e o próprio tempo em que a comunidade campineira se reunia na praça para conversar.

O encerramento do 11º Erea trouxe alívio aos moradores da Vila Joaquim Inácio, nas imediações do Seminário onde funciona o curso de Engenharia da PUC. Foi neste Campus o alojamento dos estudantes e onde eles realizaram festas todas as noites. Como os shows eram feitos ao ar livre, o som chegou diretamente aos ouvidos dos moradores, que passaram as noites em claro.

EREA 1998 na mídia. Acervo Vanessa Gayete Bello Figueiredo.